

CFOLP/145



Proletários de todos os países: Uni-vos



# VANGUARDA VERMELHA



Jornal teórico da U.C.(m-l)

Nº

Suplemento ao Nº 2

Agosto 1974

preço 2\$50

## SUMARIO

- PRESPECTIVAS DO NOSSO MOVIMENTO OPERARIO E AS TAREFAS DOS COMUNISTAS PORTUGUESES
- O NOSSO PLANO DE TRABALHO
- OS REVISIONISTAS E O GOLPE DE ESTADO

AVANTE PELA CRIAÇÃO DO PARTIDO  
COMUNISTA (M-L) DE PORTUGAL!

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ  
MOVIMENTO REVOLUCIONARIO



PERSPECTIVAS DO NOSSO MOVIMENTO OPERÁRIO E AS  
TAREFAS DOS COMUNISTAS PORTUGUESES

Desde o pronunciamento militar do 25 de Abril que o movimento espontâneo da classe operária e demais massas trabalhadoras se desenvolveu estrondosamente. Nós devemos dele extrair as devidas lições e determinar as nossas tarefas do momento presente.

O primeiro aspecto que desde logo se nos ressalta foi a força e a amplitude com que irrompeu o movimento sindical da classe operária. Com toda a justeza, devemos afirmar que o movimento espontâneo da classe, que desde os últimos meses do ano passado vinha em ascenso, repentinamente passou da defensiva face à desenfreada ofensiva do capital, para a ofensiva aberta. Procuremos, então, estudar esta nova característica do nosso movimento. Para isso, nada melhor do que começar por antes do "25 de Abril".

Desde os últimos meses do ano passado, o operariado das nossas principais regiões industriais iniciara o ascenso do seu movimento económico, na medida em que a agudização da ofensiva do Capital sobre as classes trabalhadoras levava à sobre exploração nas fábricas, ao estreitamento da margem de actuação dos próprios sindicatos corporativos fascistas, a uma vida diária quase insuportável, e à repressão desenfreada sobre todos os militantes da causa operária e outros antifascistas. Exemplos ártos desta luta, só para recordar alguns, tivemos-os nas greves da Electrónica, da Marinha Grande, dos metalúrgicos pelos 6 000 escudos mensais, a luta contra o lock out na Vieira de Leiria, a greve dos pescadores de Matosinhos. A importância crucial de todas estas lutas anteriores ao "25 de Abril" para a formação de uma ampla vanguarda espontânea da classe operária foi por nós já diversas vezes ressaltada. Ao contrário, dos nossos "puristas" radicais pouco burgueses - que julgam que a classe operária está às moscas, que a vanguarda dela não brota a partir das suas lutas -, nós, União Comunista (marxista-leninista) chamámos à atenção de todos os camaradas para a importância decisiva de contactar com esses elementos da vanguarda espontânea. Chamámos, também, à atenção para o facto de que esses elementos da vanguarda operária procuraram no decurso da luta criar espontaneamente as suas próprias organizações de defesa sindical - as comissões e delegações de trabalhadores, os comités de greve, etc.. A existência espontânea destas organizações sindicais colocou-nos a necessidade de nos aproximarmos destas estruturas, como local essencial onde encontrar a vanguarda. Foi, muito justamente, o surgimento espontâneo destas organizações sindicais rudimentares que originou da parte das variadas organizações políticas que se reivindicam da defesa dos interesses da classe operária, o propagandear com mais intensidade da ideia de criação de comissões de unidade, de comités operários, de comissões sindicais livres, etc.. Em que medida tais palavras-de-ordem encontraram eco e foram à prática é algo que urge ser bem esclarecido. Todas as organizações políticas pretendem fazermos acreditar que o conseguiram. Basta para isso ler os jornais do partido do dr. Cunhal, do MRPP ou do O Grito do Povo, para ficarmos estarecidos diante dos milhares de comités e comissões que controlam, e das lutas que dirigem por seu intermédio. Por todo o lado, pretendem que anda a sua mão.

Ora, o "25 de Abril" pôde proporcionar-nos o teste dessa pretendida "implantação" na classe operária. Os acontecimentos indicaram que, de forma alguma, os grupos que se reivindicam do marxismo-leninismo, tinham a implantação que apregoavam, e que até o Partido do dr. Cunhal, apesar da sua real influência em certos meios operários, não conseguiu controlar o movimento nas empresas, mesmo nas mais importantes das últimas greves.



Voltemos agora ao desenvolvimento do nosso movimento. A ofensiva do Capital foi esbarrar com o muro das suas próprias divisões internas, com a agudização das contradições no seio da burguesia, face à derrota nas colónias, e nesta medida a ofensiva seria inevitavelmente sol de pouca dura. Foi este acontecimento, mais do que a débil luta de resistência do nosso proletariado - a qual sem um Partido Comunista a conduzi-la, cedo se esboroou e não se ousou galgar a perspectiva da defensiva cheia de dificuldades - que originou a quebra momentânea da ofensiva do Capital.

Nestas circunstâncias, o estoirar da crise que veio a culminar com o pronunciamento do "25 de Abril" possibilitou ao proletariado e às demais massas trabalhadoras o desenvolvimento do seu movimento sindical. E isto tanto mais claro se torna, se compreendermos o recuo momentâneo da repressão sobre as massas trabalhadoras, desde que a burguesia enfraquecida pelas suas divisões internas, não podia virar as armas em direcção ao proletariado, e não podia deixar de ceder necessariamente às exigências das massas trabalhadoras, para poder ganhá-las à causa do pronunciamento militar. Neste quadro se vai, pois, processar a ofensiva do movimento espontâneo da classe operária.

Esta ofensiva do movimento espontâneo à escala nacional, mobilizando centenas de milhares de operários, não foi, de forma alguma, instigada pelo patronato, o qual aliás não ocultou as suas preocupações em irromper com o pronunciamento militar, numa altura em que se podia pressentir que enfraquecida momentaneamente a força do Capital, o movimento galgaria impetuoso. São os revisionistas do partido governamental do dr. Cunhal que têm propagada essa calúnia. Eles pretendem, de tal forma, ocultar o facto de que esta ofensiva do movimento se deu graças às condições objectivas favoráveis, atrás apontadas por nós.

Esta ofensiva do movimento espontâneo, também, não se insere numa vaga revolucionária impetuosa, que mais tarde ou mais cedo galgará para a tomada do poder, como pretende fazer crer o chamado MRPP. Ainda não estão abertas as condições objectivas e subjectivas para que o movimento operário ultrapasse o nível espontâneo e sindicalista das suas lutas.

Também a primeira vaga grevista logo a seguir ao "25 de Abril" veio alargar enormemente a vanguarda espontânea do proletariado. Os novos proletários destacados que despontaram nestas primeiras lutas pouco ou nada sabiam da política, mas souberam estar à cabeça das greves, e no decurso de muitas delas souberam adquirir os rudimentos de política, a partir dos quais se deverá desenvolver o seu trabalho de educação marxista-leninista. Alertamos, na altura, os camaradas para a importância deste alargamento rápido. E como todos pudemos comprovar, o nosso trabalho junto de camaradas operários pôde acelerar-se no decurso deste movimento. As possibilidades de contactos puderam multiplicar-se, a lentidão do trabalho com vários camaradas sofreu um violento abanico, a combatividade era maior, assim como a vontade de aprender a conduzir conscientemente as lutas, de acordo com as nossas indicações.

Passados os primeiros momentos de estupefacção, resolvidas as suas contradições mais gritantes, estabilizado minimamente o poder burguês saído do "25 de Abril", a burguesia começou a poder mudar a arma de ombro, e a recorrer a todos os meios para estancar a ofensiva da classe operária no terreno da luta sindical.

Mas a burguesia não recorreu logo à repressão desabrida, à velha moda fascista. A primeira arma a que lançou mão foi ao partido do dr. Cunhal, o qual se transformou no decurso destas greves em partido de fura-greves por excelência. A burguesia jogou neste partido muita confiança para levar a cabo a missão de pacificação social, na medida em que ~~se dizia~~ dizendo-se "comunista", dispozendo de larga experiência de sujeição do movimento operário à burguesia, tendo organização mínima no seio da classe operária e dispozendo do controlo da maioria dos sindicatos agora livres, reunia as condições para fazer ouvir a sua voz junto do prole-



tariado e mover os seus polícias e fura greves no decurso das lutas, em caso de necessidade. Foi, justamente, uma das razões de peso que alcandorou o partido do dr. Cunhal à coligação governamental, e que faz dos revisionistas os homens de oiro dos ministérios do trabalho burgueses.

Mas, como todos vimos, o partido do dr. Cunhal não foi a cem por cento eficaz. E jamais o poderia ter sido, pois nenhuma força reaccionária poderá aniquilar o movimento da classe operária. Assim, o proletariado, encontrando pela frente com seu inimigo declarado o partido do dr. Cunhal, espontaneamente passou por cima das palavras-de-ordem desmobilizadoras dos revisionistas e dos seus sindicatos, e irrompeu em greves que os burgueses vieram a chamar de "selvagens". "Selvagens", pois fugiam espontaneamente à direcção capituladora dos partidos burgueses para operários, em especial do chamado "Partido Comunista Português".

A prática da luta de classe do proletariado comprovou, mais uma vez, que qual quer partido por mais vermelho que seja o seu nome, o seu frasiado ou o seu folclore, esbarrará sempre com a oposição da parte das massas, se não se entranhar no movimento espontâneo, para defender os interesses da classe operária, a partir dos mais imediatos, colocando-se à sua cabeça pela sua defesa. Esta é uma lei da luta de classes, e nessa medida as ilusões colocadas pela burguesia nas possibilidades de "pacificação social" única e exclusivamente por meio do "P.C.P." redundaram cedo num grande fracasso e ruíram face à impetuosidade do movimento, e ao gesticular das campideiras da "ruína da economia nacional" e fura-greves revisionistas.

Podemos, assim, entrar na análise do segundo aspecto importante que nos trouxe o movimento espontâneo operário, a partir do "25 de Abril".

Ao ver-se incapaz de conter a vaga grevista, o partido do dr. Cunhal lançou a calúnia pública de que a actual vaga grevista era instigada por "loucos esquerdistas", ao serviço da reacção mais negra. Tal não passa de laracha própria de canaúhas.

Primeiro de que tudo, o movimento operário que arrancou impetuosamente depois do "25 de Abril" não foi uma invenção de "loucos esquerdistas". Como atrás já o salientámos foram as condições objectivas favoráveis que proporcionaram a passagem à actual fase de ofensiva do nosso movimento grevista. Com aquela calúnia, os revisionistas do partido do dr. Cunhal têm pretendido ocultar o desenrolar objectivo do nosso movimento, não permitindo propagandear junto das massas a justa compreensão do que se passou. Desta forma, pretendem manter as massas no obscurantismo político.

Por outro lado, com aquela calúnia pretendem levantar as massas trabalhadoras contra todos os progressistas anti-revisionistas, e no caso concreto de importantes greves, levantar a população contra os grevistas, os quais estariam instigados por "esquerdistas" ao serviço da CIA, como o disseram em relação aos C.T.T..

O partido do ministro Cunhal sempre que lhe convém está pronto para afirmar que os "esquerdistas" não passam de grupelhos de intelectuais dos bancos da universidade, mas noutras ocasiões quase já os acusa de terem concebido um plano nacional de greves "selvagens"!!! A acreditar nas palavras do dr. Cunhal dir-se-ia que os "esquerdistas" estariam implantados, com armas e bagagens no meio operário, pois não é de ânimo leve que se arrancam com greves em tão importantes empresas...

Mas, de facto, as organizações que são caluniadas pelo ministro Cunhal de "esquerdistas" e "ao serviço da reacção mais negra", não foram capazes de se colocar à cabeça do movimento após o "25 de Abril", na exacta medida em que nada de sólido tinham dentro da classe operária, o que teria exigido, diga-se, um correcto e árduo trabalho nos anos anteriores.

Assim, e esta é a segunda característica de monta, apesar de fugirem ao controlo do partido do dr. Cunhal, a maioria das greves da primeira vaga grevista logo após o "25 de Abril", não demonstraram, de forma alguma, que outras forças políticas defensoras dos trabalhadores se tivessem apossado da sua condução.



Assim, verificámos pouco depois o ~~esborçar~~ esboroar desta primeira vaga grevista.

Mas, ao fim de pouco tempo, em Junho, o movimento grevista da nossa classe voltou de novo a levantar a cabeça. Esta segunda vaga grevista que se iniciou então surge e se desenvolve em novas condições que urge aqui destacar.

Desta vez, não são já, apenas, as condições abertas pelo pronunciamento militar do "25 de Abril" que favorecem a impetuosidade grevista, mas sobretudo começa a contar-se nas suas origens a compreensão por parte do proletariado de que o que mudou no governo não afecta, no essencial, o regime de exploração nas fábricas.

Esta é justamente uma terceira característica a que queremos dar o devido realce. O movimento após o "25 de Abril" está entrando numa segunda fase, fase essa que vem já adquirindo uma característica nova, e extremamente importante: o pôr em causa da demagogia governamental do "poder ao serviço do povo" saído do pronunciamento militar, e do palavriado revisionista de que na actual sociedade democrática em "consolidação" a luta de classes deve cessar!

Permanecendo a exploração, a qual diariamente se faz sentir, e entra em choque aberto com o palavriado demagógico e falso, o proletariado é impelido espontaneamente a lutar, e é também espontaneamente que começa a adquirir os rudimentos de política no que toca ao carácter do poder que veio do "25 de Abril". Isto começou a verificar-se na greve nacional dos CTT. É sobre este terreno de consciência política muito embrionária que se pode desenrolar a politização das amplas massas, a partir prioritariamente da sua vanguarda espontânea. As luzes de política, ganhas pelo proletariado, sobretudo pela sua vanguarda, no decurso destas últimas lutas, proporcionou que a propaganda marxista-leninista chegasse a vários desses elementos, e os imbuísse de uma maior consciência política e capacidade de condução e organização da luta. É nesta medida que se compreende começar a verificar-se que, ao nível de elementos dirigentes das greves actuais, se encontram camaradas de vanguarda consciente, influenciados ou mesmo militantes desta ou daquela organização que se reivindica do marxismo-leninismo. Isto pôde permitir imprimir às lutas mais importantes desta segunda fase grevista - CTT, pescadores de Matosinhos, Efacec - novas características, como a melhor organização sindical, a maior ligação desta às massas, a forte unidade na luta, o trabalho cultural de massas, a ligação com o exterior, os recuos organizados no momento acertado, etc..

E esta é, de facto, uma quarta característica importante - começa a verificar-se na condução de certas lutas a influência das ideias do marxismo-leninismo, se bem que tenuamente aplicadas, e circunscritas ao campo sindical, na maioria esmagadora dos casos. Isto é, de facto, um passo importante e extraordinariamente promissor para o futuro do nosso movimento.

Foram as duas últimas características atrás apontadas por nós - o progressivo desmascaramento da política dos novos caixeiros saídos do "25 de Abril" e a consciência mais avançada dos dirigentes de certas lutas -, que vêm dando a esta segunda fase grevista um carácter mais acirrado, o qual levou a burguesia ao endurecimento.

Justamente um dos factores fulcrais da recomposição governamental, da entrada dos militares pela porta do cavalo como "salvadores da crise", ficticiamente criada pelos homens de confiança de Spínola e PPD, foi a dita "anarquia", contra a qual começaram a clamar todos os burgueses.

Sendo assim, o nosso movimento deve contar para os meses futuros com um endurecimento da repressão patronal e do Estado burguês. E nessa medida tem de começar a preparar-se para resistir à tentativa da burguesia de passar à ofensiva,



com a soldadesca do "comando operacional do continente", com o colete de forças que a Inter Sindical querera nos vestir, com os policiaes do "PCP", com a instigaçao das camadas mais atrasadas da populaçao contra os grevistas. Tudo isto ja comeca a esboçar-se, aquando da greve dos CTT.

Além do mais, o endurecimento da burguesia tem levado as greves do proletariado a uma maior longevidade; temos obrigado a greves com occupaçao de longa duraçao, as quais ainda nao conseguimos que terminassem amplamente vitoriosas nas reivindicaçoes imediatas que colocamos. E podemos, de facto, contar para os meses futuros com a maior resistencia da burguesia, e com a necessidade de mantermos a greve durante muito tempo. Assim, a espontaneidade no lancamento de greves vai comeca a esboroar-se, e comeca a colocar-se na ordem do dia a necessidade de uma boa organizaçao dos trabalhadores para desencadear greves.

Assim, e esta é uma quinta caracteristica, a actual segunda fase grevista comeca a colocar na ordem do dia o problema da organizaçao dos trabalhadores com muita fragilidade, na medida em que o endurecimento da burguesia se comeca ja a verificar.

Nem mais, para que estes novos problemas levantados pela actual vaga grevista possam ser resolvidos, necessitamos de ampliar decididamente a organizaçao consciente da vanguarda do proletariado. Este é o trabalho prioritario. É necessario ampliar o recrutamento entre os proletarios destacados e dar-lhes uma boa formaçao politica teorica e pratica.

Apesar do crescente papel do factor consciente na direcçao de certas lutas importantes - caso dos CTT, Efacec, pescadores de Matosinhos - nao se pode cantar victoria e adormecer a sua sombra. O decurso das nossas lutas ja demonstrou que quando as greves atingem o ponto critico, a vanguarda consciente nao sabe ainda dar maos no processo, e cai num certo derrotismo. Isto nao é só motivada pelas suas deficiencias no campo sindical, onde temos ainda muito que aprender. A sua razao de peso encontra-se na fraqueza numerica e organica dessa vanguarda mais consciente.

Mais do que nunca a tarefa prioritaria dos comunistas é alargar o campo de recrutamento entre a vanguarda espontanea do proletariado, e reforçar organicamente e politicamente os passos ja dados. O terreno para levar a cabo esta tarefa tem sido extraordinariamente favoravel. Dezenas de bons elementos destacados tem surgido no decurso das ultimas lutas. E lamentavelmente podemos verificar que nao se tem sabido aproveitar devidamente estas circunstancias. Muito do grandiloquente noticiario dos jornais das variadas organizaçoes nao passa de difusao de mentiras pagadas. A conduçao da organizaçao x ou y da greve tal ou tal é na maioria dos casos um acto de prestigitacao. Em muitas greves nem sequer lá tem alguem. Naquelas em que tem alguem, resta avaliar qual o papel que lá desempenhou durante a greve. Mas mesmo no caso em que militantes desta ou daquela organizaçao desempenham papel de realce durante a greve, isso nao quer dizer que a organizaçao respectiva dirija a greve. Para uma organizaçao conduzir uma greve é indispensavel que a massa apoie essa organizaçao, conheca as suas posicoes politicas e adira às suas palavras de ordem para a greve. Nao basta ter alguem na luta, é necessario que uma ampla campanha de propaganda e agitaçao se faça no decurso da luta, e que esta encontre o melhor acolhimento da parte da massa. Ora isto ainda nem sequer foi conseguido junto dos restantes elementos de vanguarda, quanto mais em relaçaõ à massa

Todos estes factos, contudo, se sujeitos a uma análise mais atenta, nao nos podem espantar. É na ausencia de uma linha de recrutamento justa, de um Programa claro e científico para a reconstruçaõ do partido politico do proletariado, que se encontram as razoes dos fracos êxitos alcançados no reforço da vanguarda consciente do proletariado. Nao possuíam tal guia antes, como o nao possuem depois do "25 de Abril". Nao seria pelo terreno ser objectivamente mais favoravel ao recrutamento, que isso se efectivaria seguramente, na ausencia de uma linha correcta para o levar a cabo. Nao seria de esperar outra coisa.



A permanência da insuficiência do elemento consciente e organizado em relação à impetuosidade do movimento espontâneo continua a ser gritante. E temos de andar rápido e preencher essa distância.

Alguns acontecimentos nos chamam à atenção para o facto e extremamente grave e de funestas consequências para o futuro do movimento espontâneo, que é o de outras organizações burguesas, que não o "PCP", tentarem momentaneamente deitar mão aos frutos do actual movimento. É o caso do Movimento de Esquerda Socialista (M.E.S.), e mais secundariamente do Grupo Autónomo do Partido Socialista (G.A.P.S.). Só para dar um exemplo, recordamos a influência do MES no movimento grevista dos lanificios. E mesmo o Partido do ministro Cunhal tenta depois das greves recolher os seus frutos junto da própria vanguarda, que espontaneamente se havia revoltado contra a miserável actuação dos renegados do "PCP". Por vezes, fá-lo de uma forma arditosa: se traiu na fábrica, dispõe-se a resolver os problemas locais da população operária de um bairro, e assim conta fazer esquecer ao proletariado e à sua vanguarda a miserável actuação que teve na fábrica.

É uma sexta característica do actual movimento, a luta das maridas organizações burguesas, que se pretendem defensoras das massas trabalhadoras e que pretendem implantação na classe operária, por preencher o vazio (perdoem-nos o termo) que está ser deixado pela perda de terreno do partido do ministro Cunhal, e pela incapacidade dos marxistas-leninistas (que se dizem Aisso).

E tanta maior atenção temos de dar ao aspecto atrás citado, na medida em que o actual movimento na sua segunda fase grevista vem permitindo instilar no seio das massas a oposição à "política", a qual é reduzida à política reaccionária feita pelos partidos burgueses da coligação governamental. Devido ao desmascaramento dos partidos burgueses, e em particular do partido revisionista do ministro Cunhal, o proletariado e outras camadas trabalhadoras insurgem-se contra eles, e ganham espontaneamente uma certa aversão aos partidos políticos. E no caso concreto do "PCP" a coisa é mais grave: as massas podem julgar que o comunismo é o que o partido do ministro Álvaro Cunhal faz, e assim está criado o terreno em que os demagogos anti-comunistas anarco-sindicalistas, trotskystas ou fascistas poderão laborar. Eis um sétimo facto que é necessário ter na devida conta.

Estas duas últimas características do actual movimento - a profusão de partidos burgueses tentando-se aproveitar do movimento, e o perigo da apoliticidade - obrigam a vanguarda consciente e organizada a labutar com mais ardor para mostrar aos outros proletários mais destacados e às massas que o que necessitam é de um partido político próprio, que defenda os seus interesses imediatos e futuros, e que repudie toda a demagogia e politiquice burguesa. O terreno é favorável a este trabalho, se soubermos desolver o trabalho político, e se não nos ativermos ao sindicalismo.

Um outro facto importante que o movimento actual nos trouxe liga-se à impossibilidade manifesta que este demonstrou de, por si só, espontaneamente, se transformar num caudal único. Devido à inexistência de um partido político proletário não foi possível unir num todo todas as lutas dispersas em torno de um caderno reivindicativo nacional único, em torno de uma organização sindical livre verdadeiramente defensora dos interesses do proletariado, em torno de uma ampla movimentação de solidariedade e socorro operário. Só isto poderia impedir que cada vaga grevista não se esboroe a breve prazo.

Quanto ao caderno reivindicativo nacional verificou-se a impossibilidade de o levar à prática. Apesar do contágio de todo o movimento pelas reivindicações já lançadas antes do "25 de Abril" ( caso dos 6 000 escudos, 40 horas ), paradoxalmente lançadas pelo partido de Cunhal, este caderno reivindicativo não conseguiu impor-se como brado da classe operária, exigindo uma total alteração da intensidade de exploração capitalista nas fábricas e empresas. Se o tivesse conseguido abriam-se sérias perspectivas para transformar a luta pela conquista desse caderno reivindicativo



qivo nacional único para todo o proletariado, numa luta de carácter político imediato, como o foi a luta pelas 8 horas no campo em Portugal nos anos de 1961/1962, ou a luta pelas 8 horas na indústria na Europa e América dos anos do século XIX. Porque isto não se conseguiu manifestamente, é falsa a análise dos variados grupos que se dizem marxistas-leninistas, como é o caso do chamado "M.R.P.P.", que afirmam ter sido uma vaga de uma ampla luta política. Afirmar isto não é mais do que iludir o proletariado, e incapacitá-lo para compreender os limites estreitos em que o seu movimento continua a permanecer.

Quanto à ausência de uma organização sindical que unisse em seu torno estas últimas lutas, é outro facto patente. Ela coloca na ordem do dia a necessidade de que as organizações que se dizem marxistas-leninistas criem as condições para que se lance uma associação livre que permita um total apoio a todas as lutas que passam por cima da Inter Sindical. Se essa associação sindical livre souber aproximar-se de todos os redutos anti-capitalistas e anti-reformistas que despontam nas ac tuais greves, terá certamente um futuro promissor.

E no que toca ao socorro operário é necessário dinamizar o trabalho da Associação do Socorro Vermelho, a qual já desempenhou algum papel, como no caso da campanha de solidariedade operária à EFACEG-INEL. No entanto, não basta, apenas, a solidariedade financeira às lutas; é indispensável conseguir o apoio do restante proletariado, o qual se tem de traduzir em acções de massas, e não só em escudos.

Se soubermos estar à altura destas tarefas, poderemos estar certos de que passos em frente se poderão dar na força do movimento operário.

Não queremos deixar ainda de chamar à atenção para a nova forma que têm assumido as greves: a greve prolongada com ocupação da empresa. Já atrás mostrámos as razões que levam o proletariado a ter de recorrer a este tipo de luta. Este tipo de greve tem levantado imensos novos problemas de organização à vanguarda de cada luta. Tentaremos analisá-los noutra local, que não aqui.

A ocupação vem colocar momentaneamente o problema do controle do proletariado sobre o andamento do funcionamento da empresa. Isto tem criado o terreno para que os reformistas auto-gestionários redobrem o seu alarido acerca das "ilhas de socialismo" na sociedade capitalista. Mas a experiência de cada ocupação demonstra cedo como é impossível na sociedade capitalista a gestão pelos trabalhadores das empresas, a socialização dos meios de produção e da distribuição das mercadorias. A ocupação é uma arma que o proletariado tem impunhado, não para criar uma "ilha de socialismo", mas para poder fazer vingar as suas reivindicações imediatas.

Apesar das ocupações poderem criar terreno a miragens reformistas, elas colocam na ordem-do dia toda uma série de problemas políticos ligados aos objectivos da luta do proletariado, problemas esses que podem ser tema essencial para o trabalho político ~~xxxxxxxx~~ junto da vanguarda e das massas nestes períodos.

A findar este nosso longo artigo não queremos deixar de alertar os camaradas para o facto de que o partido do dr. Cunhal tentará progressivamente insinuar-se junto das massas como seu real defensor, podendo começar a usar um frasiado mais "marxista" e impulsionando o activismo dos seus militantes. Esta "viragem", este mudar de roupa, começa a colocar-se-lhe na ordem do dia, na medida em que vê o terreno fugir-lhe um pouco. Muda o disfarce, mas por debaixo continua a estar o mesmo facinora; alerta, pois, camaradas.

A Comissão Política da C.C.P.  
da U.C. (m-1)

Agosto 1974



Julgou correcto a Comissão Política voltar a publicar os dois documentos a seguir transcritos. O primeiro, " O NOSSO PLANO DE TRABALHO" publicado no " Páginas Vermelhas" em Março de 1974, assume particular importância na sua divulgação, na medida em que ataca e diagnostica um dos aspectos da Linha Política dos radicais pequeno-burgueses entre nós, o " massismo". O segundo, " OS REVISIONISTAS E O GOLPE DE ESTADO ", publicado antes do golpe de " 25 de Abril " no jornal " Frente Mundial ", é também particularmente importante, no sentido de que urge desmascarar amplamente as posições do partido do dr. Cunhal, e dar a maior divulgação a essas críticas.

: . . . . . :  
: . . . . . :

O NOSSO PLANO DE TRABALHO:

Organizar a União Comunista (m-1) é a nossa palavra de ordem central !

O momento actual do nosso movimento operário caracteriza-se da seguinte forma: - por um lado, desponta o ascenso do movimento operário espontâneo; a sua manifestação mais generalizada tem sido o amplo movimento grevista contra a fome; - por outro lado, este ascenso vai encontrar a vanguarda e a classe desprovida da sua arma fundamental, a organização.

A este último aspecto há que dar a devida atenção. À classe falta-lhe, inclusivé, um mínimo de organização sindical livre. À vanguarda falta-lhe a cosão orgânica, e não encontra formas de organização permanentes; falta-lhe clareza política; falta-lhe consciência política marxista-leninista, e pesa-lhe o reformismo. Nem os sindicatos nacionais ou as " comissões de unidade " são a organização sindical dos trabalhadores, nem o partido de Cunhal é o PCP, nem a dezena de partidos de intelectuais pequeno-burgueses que "vão às massas ou à classe operária" são os organizadores do Partido Comunista.

Após o fracasso da reorganização empreendida em 1964/1966, a vanguarda da classe operária está desprovida de casa própria, de uma organização marxista-leninista. No momento actual, nenhuma organização política anti-fascista, quer por sua teoria, quer por seus métodos, ou por sua organização, encarna a fusão do marxismo-leninismo com a vanguarda da classe operária. É preciso deixar isto bem claro. Tendo em conta esta situação, vemos que a organização está em atraso em relação ao movimento espontâneo. Este colocou a necessidade de organizar como palavra de ordem central, para o momento actual, e para os anos mais próximos. **MAS EM QUE SENTIDO FALAMOS NÓS DE ORGANIZAÇÃO?**

Qual a chave do problema para resolver o atraso em relação ao movimento operário?



Está-se em atraso, sobretudo, porque nem sequer a vanguarda natural que surge nas lutas actuais está organizada e consciencializada. O atraso fundamental de organização reside na dispersão da vanguarda operária. Daí que a nossa palavra de ordem central seja ORGANIZAR A VANGUARDA. É este o sentido fundamental do nosso trabalho. Contra este plano de trabalho, os falsos marxistas-leninistas, papagaios de citações, dizem sempre que se está em "atraso" em relação ao movimento espontâneo, porque se está "desligado das massas". Partem sempre do princípio de que o seu grupo político é o embrião marxista-leninista, ao qual se coloca a questão de estar insuficientemente ligado às massas. O seu palavriado marxista é não só uma falsificação da realidade, pois se tomam como organizações marxistas-leninistas, como se encobre com o maior confucionismo teórico, em que se destaca como tirada brilhante a concepção de que há que primeiro politizar as massas, para colher depois a vanguarda. Isto é, há que caminhar para a retaguarda, sem ter ido jamais à vanguarda...

A nossa palavra de ordem central de organizar primeiro a vanguarda, opõem os falsos marxistas-leninistas o seu "ir às massas". É a única forma que encontraram para publicamente pretendem provar a justeza da sua linha, é o brilhantismo posto na aldrabice, a torto e a direito. Aldrabice é aquilo que de se logo se sente; os próprios simpatizantes e aderentes, que ainda mantêm algum espírito revolucionário nessas organizações, é contra a aldrabice que começam por se insurgir. Mas por detrás da aldrabice está a revisão dos princípios do marxismo-leninismo, e é neste campo que o nosso combate consciente tem de ser travado. É por isso que é indispensável descortinar por detrás do brilhante confucionismo teórico dos radicais, a linha política geral que dá fundamentação às suas preteusões pequeno-burguesas de serem a "vanguarda".

É de todos sabido que os "massistas" estão sempre a dizer que a organização marxista-leninista se "forja na luta de massas"? Mas acaso pretendem eles com isto dizer que urge ir ao movimento de massas e começar por de lá sacar, organizar e consciencializar a sua vanguarda natural? Não, de forma alguma, o que com isto pretendem é colocar como tarefa fundamental, a "ligação às massas". Mas quem pode ligar-se às massas, e primeiro de tudo à classe operária: - um destacamento consciente da vanguarda operária ou um grupo intelectual radical? Claro está que para os radicais é do segundo caso que se trata. E como justificam eles essa pretensão? Artavés de uma deformação do pensamento leninista.

É de todos sabido que a consciência política de classe se ganha do "exterior" ( a expressão é de Lenine ) do movimento espontâneo; é sabido que um operário por participar no movimento espontâneo da sua classe não ganha uma consciência política de classe, e que um elemento de vanguarda não adquire por si só ( através unicamente da participação no movimento ) uma consciência política marxista-leninista.

Só os espontaneístas podem pretender que as massas adquirem consciência dos objectivos finais através da sua participação no movimento espontâneo; ou que a vanguarda surge consciente, sem se educar no marxismo-leninismo. Lenine esclareceu, assim, que as massas necessitam de ser educadas através da acção dos comunistas, e que a própria vanguarda natural, espontânea, deve ser educada, debaixo dos princípios do marxismo-leninismo, para que esteja à altura de conduzir a sua classe pela acção revolucionária. Do



pensamento leninista decorre, assim, a compreensão de quem pode educar as massas, e de quem há que educar primeiro. Como dizia Kaustky, quando ainda era marxista: o socialismo moderno, científico, o marxismo, brotou não do movimento espontâneo operário, mas do "cérebro de alguns dos membros" da intelectualidade progressista. E o marxismo foi primeiro "comunicado" aos proletários mais destacados, pois só estes, de pois de conscientes da sua missão, o poderão "introduzir" na "luta de classe do proletariado", isto é, poderão educar as massas politicamente, dar-lhes uma consciência política de classe. (Citado por Lenine em "QUE FAZER", p.47).

Que entenderam de tudo isto, os nossos "massistas"?

Absolutamente o contrário. Insinua que quem pode estimular as massas são os círculos de intelectuais progressistas, e quem quem há que estimular primeiro são, também, as massas. Eis a concepção teórica - é claro que jamais confessada abertamente - que é o fundamento de toda a sua actividade prática e que pretende encobrir? sob a capa da profunda tirada "científica", a sua pretensão pequeno-burguesa de se substituírem à vanguarda da classe operária. Do facto de que a consciência política é estimulada do "exterior" do movimento operário, os nossos "massistas" tiraram a brilhante "tradução" de que é possível estimular a consciência política das massas operárias, do "exterior" da sua classe, SEM A INTERVENÇÃO ORGANIZADA NOS SEUS LOCAIS DE TRABALHO, DA VANGUARDA DA CLASSE OPERÁRIA, ... mas por obra e graça dos grupos de agit.-prop. dos intelectuais radicais. É, assim, que descaram o trabalho sistemático pela conquista da vanguarda da classe; o trabalho de melhoria da composição social operária de uma organização que se pretende reivindicar do marxismo-leninismo, e apesar de fazerem juras em contrário os resultados estão à vista: um punhado de intelectuais dá logo a público que dentro de pouco tempo hão-de fundar o Partido, e hão de conquistar a maioria da classe!!!

E porque da sua composição social está afastada uma maioria de elementos operários, o seu sistema de organização, desde logo, disso se ressentem, e o esqueleto básico de tais círculos está completamente ausente das fábricas e demais locais de trabalho, onde se encontra a classe operária. Assim, os poucos companheiros operários de vanguarda que abordam são afastados da organização nos seus locais de trabalho e puxados para os círculos de agit.-prop. que pretendem "ir às massas". Assim, transformam esses companheiros em "tarefistas", que espalham a propaganda ou pintam paredes, mas que se encontram desorganizados celularmente para o trabalho na sua fábrica, pela conquista da maioria da classe operária.

Os círculos de intelectuais progressistas têm de facto hoje uma tarefa, mas ela não é "ir às massas". Têm a tarefa de educar a vanguarda natural da classe operária nos princípios do marxismo-leninismo, têm a tarefa de trabalhar pela conquista da maioria da vanguarda, organizando todos os elementos destacados da classe nas suas fábricas em células clandestinas.

É essa precisamente a linha de rumo que guia os militantes e simpatizantes da União Comunista. Nós sabemos que na nossa denominação de comunista no nome da nossa organização, está mais contido um programa de trabalho, do que aquilo que somos já. Os militantes e simpatizantes de origem intelectual, assim como os poucos operários que existem na nossas fileiras têm como plano de trabalho: - conquistar os elementos de vanguarda da classe operária nas lutas, e organizá-los em células nos seus locais de trabalho.



Quanto a nós, sem uma boa organização deste tipo, não há linha política justa, marxista-leninista, e não temos o direito de nos considerarmos comunistas. Sabemos bem que este plano de trabalho não se faz num dia; não acalentamos ilusões de que conseguimos conquistar a maioria da vanguarda da classe operária de um dia para o outro. Persistiremos em ser modestos nisso de nos afirmarmos comunistas, e coitnuaremos firmes no nosso plano de trabalho: colocar como tarefa fundamental o recrutamento de operários de vanguarda, educá-los e organizá-los na nossa organização. E só na medida em que conseguirmos constituir células operárias nos locais de trabalho e nas regiões operárias, será possível avançar no trabalho junto da classe operária, dar consistência à sua organização espontânea no terreno sindical e arrancá-la para a acção política. "

( "Páginas Vermelhas", boletim da COMORG da União Comunista )

OS REVISIONISTAS E O GOLPE DE ESTADO

A actuação dos revisionistas do "PCP" em relação ao golpismo, já há 10 anos que Cunhal lhe deu letra de firma. Em "Rumo à Vitória", primeira confissão escrita da sua traição total à causa da revolução popular, apresentado ao CC do seu partido em Abril de 1964, se pode constatar que para a camarilha revisionista a "insurreição popular" de que tanto falam é um movimento golpista, apoiado por um movimento de massas pacífico. Vejamos, pois, o que diz o dr. Cunhal.

Na página 122 do "Rumo" se pode ler que " num momento mais ou menos próximo, o movimento democrático atingirá uma fase superior, aproximando-se da revolução. Que farão as classes dominantes? Poderão resistir até ao fim sem qualquer mudança da sua política. Mas poderão tentar mudanças, embora mais aparentes que reais, para entravar o processo revolucionário. Não são de excluir tais tentativas, que poderão assumir a forma de conspirações, de golpes de palácio, de medidas de liberalização e outras. Tais tentativas não representam, nem de longe, nem de perto, a conquista da democracia, até porque o seu objectivo único será impedi-la".

Quem leia isto, diria que Cunhal estava a falar a sério. Mas isto não passa de fogo de vista. Cunhal é perito nisto. Mas vejamos o que logo mais à frente diz: " Isto não significa que a vida não possa trazer surpresas (!). Em condições imprevisíveis (nas quais, apesar das aparências, Cunhal mete muita fé!) pode suceder que as dificuldades, contradições e dissídios das classes dominantes, batidas pela luta popular e pela guerra colonial, as forcem a manobras que abram novas possibilidades de procurar uma solução pacífica "(111). Se isso se viesse a der não deixaríamos de aproveitá-lo". (p.125 do "Rumo") . Escusado ser dizer que os sublinhados são nossos. Que é, de facto, senão uma traição acenar às massas com a ilusão de que uma "manobra" da burguesia financeira, uma " mudança mais aparente que real " ( nas próprias palavras de Cunhal, atrás citadas por nós ), "possibilitará"às massas a conquista do poder pacificamente?



É este o objectivo fundamental do revisionismo: afastar as massas da revolução popular, e colocá-las a reboque das "manobras" das classes dominantes ou das suas muletas, manter as massas submetidas à escravidão capitalista, e nada mais. Cunhal no entanto pretende salvar a face, dizendo logo de seguida: "Mas nas condições hoje existentes e nas previsíveis tal solução (pacífica) não aparece". Para derubar a ditadura fascista "será necessário o recuso à força" (p.125 do "Rumo"). Assim, à primeira vista, julgar-se-ia que Cunhal se afastaria da confissão vergonhosa da sua traição feita a nós. Mas tal não se passa. Vejamos mais à frente o que entende Cunhal pelo "recurso à força"...

Cunhal começa logo o seu 10º capítulo do "Rumo" chamado de "levantamento nacional", por nos acautelar que à cerca do "recurso à força", isso se trata de "uma conclusão geral sobre a qual se não ouvem hoje vozes discordantes na Oposição" (p.125). E quem saiba de que "Oposição" fala o sr Cunhal, da sua célebre unidade "sem fronteiras" à direita, onde lado a lado, pontificam os monárquicos integralistas (agora democratas!), os nacionais sindicalistas (outros democratas novinhos em folha!), os republicanos, os sociais-democratas e os revisionistas, tem de procurar saber em que diabo de "recurso à força" estarão dispostos todas estas "forças vivas"... É aqui que entra a necessidade de se compreender que a burguesia está disposta a recorrer à violência, "à força", para mudar os caixeiros no poleiro. A isto se chama de golpismo. Foi a via do 28 de Maio de 1926, foi a via do reviramento da década de 30, tem sido a via usada tanto pelos "dissidentes" do regime, como pelos "ultras", pelos burgueses radicais e republicanos, etc... Cunhal, ao longo do "Rumo", tece mais ou menos abertamente elogios ao golpismo. Desde os elogios mais ou menos velados ao reviramento dos republicanos dos anos 30 (p.135 to "Rumo") até à análise do golpe militar de Beja de Janeiro de 1962, ao "qual chama de "insurreição" (p.161), de "acção insurreccional" (p.137)...

Vejamos. Diz Cunhal: "a revolta de Beja contém a este respeito uma lição que se deve manter bem viva ... Ela foi facilmente esmagada, porque foi iniciada fora de uma situação revolucionária, por um só agrupamento isolado da acção das massas populares ... Se esta rica experiência não aproveitada pelas forças democráticas, novas iniciativas semelhantes poderão vir a ter lugar sem resultados sensivelmente diferentes dos da revolta de Beja. A precipitação das acções insurreccionais podem ter desastrosas consequências ...". (p.137)

Julga-se, acaso, que Cunhal critica o golpismo? Nada disso. Cunhal lastima-se de que não se tivesse dado "um amplo apoio de massas" ao golpe ... E precavê-se em relação a acções futuras. Assim ficamos a saber que o golpe militar de Beja foi uma acção insurreccional, apenas "precipitada", pois não contava com o apoio do movimento de massas. Esta ideia de pôr o movimento de massas a reboque do golpismo, como sua "força de apoio", é aliás mais bem acentuada na p. 161 do "Rumo", onde se pode ler do punho de Cunhal: "a revolta de Beja marca uma tentativa de canalizar o descontentamento e a indignação popular no sentido insurreccional. Foi rapidamente dominada ... porque um erro básico estava na sua concepção: pensar que a acção de um grupo de homens decididos pode arrastar o povo e as forças arxadas (fascistas, nota nossa) à sublegação espontânea contra a ditadura, pensar que uma insurreição (isto é, como a de Beja e semelhantes "bernardas" que se venham a realizar no futuro, nota nossa) se pode realizar vitoriosamente fora de um momento de grandes lutas populares, sem existir uma decomposição do aparelho repressivo e sem uma organização adequada...". Aqui ficamos bem esclarecidos



das nteuções de Cunhal e do seu partido: dar garantia de vitória ao golpe, granjeando'lhe o apoio do movimento de massas. Aqui está contida a sua política ao serviço da burguesia, o seu real papel de muletas esquerdas da burguesia. Incapazes de chamar as massas à luta independente, os revisionistas puxamnas para carne de canhão dos movimentos da burguesia.

Resta-nos dizer aos nossos hamaradas leitores que em 227 páginas de palavriado, apenas na segunda página do seu capítulo, "o levantamento nacional", ouvimos falar de "luta armada do povo", ficando sem saber o que é, mas frtos de ouvir Cunhal discursar acerca dos golpes. Em 14 páginas do "levantamento nacional", 7 dedica'ae Cunhal aos golpes, as outras são laracha e numa fala de "luta armada do povo" numa única linha! Será um acaso estatístico?

Para finalizar será bom lembrar, também, que há 10 anos que Cunhal prega esta "insurreição" para breve, que fala da "situação revolucionária que se aproxima" x(encontrámos isto em "Rumo à Vitória" dezenas de vezes!), chegando a exclamar, julgando fazer um grande figurão, "nao tardará muito que se venha a por na ordem do dia a batalha final decisiva" (p.137). Mas no que ele pensa e pontifica há 10 anos é na hipótese de um golpe com êxito da frente comum dissidentes fascistas- sociais democratas-revisionistas, em que sob a batuta de um Spínola ou de um outro de fachada mais "democrática", e com as massas domesticadas, possa dizer da tribuna do "Avante", que foi a "revolução triunfante", a instauração do "regime democrático".

E recorde-se, já agora, que durante esta última campanha eleitoral fascista se pôde ouvir da boca dos revisionistas e no "Avante" a insinuação ( para iludir criminosamente as massas) de que a queda do fascismo ( sem que exista uma centelha de movimento revolucionário das massas que destrua o fascismo e instaure a democracia popular ) está para breve!!! O célebre "aproxima-se o dia em que o governo, se antes não for derrubado" (afirmação do CC do "PCP" de Julho de 1973, publicada repetidas vezes no "Avante", sobretudo, na "grande campanha política de massas" de Outubro ), que quererá dizer senão que o golpe deestado está para breve?

Voltaremos a insistir nestes pontos. "

(Publicado no "Frente Mundial", nº5, 1ª quinzena de Abril, e posteriormente no "Luta Operária", nº2 de Maio )